

A CULTURA PSICANALÍTICA E OS NOVOS FORMATOS DE VIVÊNCIA
AFETIVO-SEXUAIS

Tania Coelho dos Santos

**Publicado em Família e Sociedade Brasileira, Desafios e Processos
Contemporâneos, Ribeiro, I. (org.), Ed. ISER, RJ. 1994**

I- INTRODUÇÃO

Serão os novos formatos de vivência afetivo-sexuais o efeito de novos ideais de felicidade ou será melhor entendê-los como efeito do puro desencanto com qualquer ideal de felicidade coletivo?

Falar em mudança social, modernização dos costumes, novos arranjos relacionais, amorosos ou familiares evoca um passado muito próximo marcado pela expansão do campo psicanalítico, cuja participação no engendramento das novas maneiras de viver, de amar e de procurar a felicidade nem sempre é corretamente avaliada. Tudo se passa como se a neutralidade dessas práticas fosse avêssa a qualquer ideologia ou promessa de felicidade. Nada é menos verdadeiro. Ao contrário, a história do campo analítico, em seu movimento próprio, participa dos impasses da subjetividade na cultura e é sobre isso que vamos falar.

O campo psicanalítico é um todo articulado que inclui: produções teóricas diversificadas, práticas clínicas que definem a direção da cura segundo interpretações diversas dos princípios fundamentais postulados por Freud, instituições de transmissão com perspectivas diferentes sobre a formação do psicanalista. O campo analítico compreende também uma dimensão menos explorada, porém não menos essencial ao seu funcionamento. Esta dimensão engloba, a psicanálise difundida, as versões desse saber e de suas práticas para o consumo do público leigo. Digamos que a difusão da psicanálise é uma dimensão essencial e constitutiva do campo psicanalítico porque é por meio dela que a demanda de psicanálise - de seu saber e de suas práticas - ganha uma forma própria, particular, específica e expressiva dos ideais analíticos, das

versões ou *Weltanschauungen* da psicanálise, dominantes nos diversos períodos da história desse movimento (Coelho dos Santos, 90).

Por difusão da psicanálise entendemos o movimento psicanalítico, sua produção teórica oficial e seus esforços de divulgação junto ao público leigo. O laço que liga intimamente a evolução da produção teórica com a demanda são as *Weltanschauungen* psicanalíticas.

II. UMA NOÇÃO CENTRAL: As *Weltanschauungen* ou os ideais analíticos.

As versões ou *Weltanschauungen psicanalíticas* conformam todo um imaginário de *representações ideais* ⁽¹⁾ ou representações do que é desejável - do que se promete e se deseja obter - porque são representações investidas promessa e pela demanda de felicidade. Percorrem a produção simbólica do campo analítico e alcançam igualmente a clientela potencial. Em que pesem as dúvidas de Freud (1930) quanto à "*inexistência no programa da criação de uma determinação de que o homem seja feliz*", é Lacan (1988) quem afirma "*que não escapava à Freud que a felicidade é para nós, o que deve ser proposto como termo a toda busca, por mais ética que seja*". As versões da psicanálise difundida no público leigo bem o testemunham, pois associam diferentes *ideais* do que seja o bom, o belo, e de como fazer para atingí-los. Ensinam como não ser neurótico, sexualmente reprimido, auto-agressor ou masoquista e sim um sujeito feliz.

Freud parecia estar completamente consciente desse destino da teoria psicanalítica. Em vários momentos, ao longo de sua obra, ele nos dá testemunho dessa sua preocupação em não consentir que a psicanálise se converta numa *Weltanschauung*, o que já se evidenciava amplamente na produção teórica dos psicanalistas contemporâneos seus. Por exemplo, Freud (1925) diz: "*Muitos autores tem dado ênfase à fraqueza do ego em relação ao id*

¹. Expressão cunhada para evocar o conceito de ideologia enfatizando, por meio da ligação ao campo conceitual da psicanálise sua relação com a realidade psíquica e o campo das representações inconscientes investidas pelo desejo.

e aos nossos elementos racionais em face das forças demoníacas dentro de nós, e exibem forte tendência para transformarem o que eu disse em pedra angular de uma Weltanschauung psicanalítica."

"A questão de uma *Weltanschauung* psicanalítica" se apresenta por meio deste prisma, enquanto distorção da atitude de receptividade ao imprevisível, ao desconhecido e à incerteza que deveria marcar a atitude do psicanalista com relação ao seu saber. A compulsão à síntese, à unificação, à esquematização e à simplificação induziriam - necessariamente - à produção de modelos identificatórios com consequências sobre a direção da cura e a própria produção de conhecimento. De acordo com Lacan(1958), essas representações às quais chamamos, são como que "algo harmonioso", expressão da "presença plena" do analista no campo de uma ciência das virtudes, que obstrui a técnica de desmascaramento. A higiene do amor, o ideal de autenticidade e a profilaxia da dependência são as representações mais cotadas entre os ideais analíticos.

Minha perspectiva desse problema no curso da tese de doutoramento (Coelho dos Santos, 1990) não foi a de perseguir essa direção enunciada por Freud. Quiz, isso sim, estabelecer um contraponto nessa discussão, o que não significa uma oposição global ao ponto de vista freudiano. Quando buscamos o vínculo entre a difusão da psicanálise no público leigo e a constituição de uma demanda é justamente para relevar a positividade dessas *Weltanschauungen* que, pela produção de modelos identificatórios fabricam como que pontos de captação imaginária da cura analítica, os ideais analíticos como Lacan nomeou-os em 1988 efetuando uma certa amarração do investimento dos sujeitos concretos sobre o dispositivo analítico e sobre a psicanálise como saber.

Se adotamos esse ponto de vista foi porque acreditamos que no percurso do movimento psicanalítico, inevitavelmente, a teoria toma determinadas formas ou versões e que entre elas, algumas exercem uma certa hegemonia no campo profissional e talvez igualmente entre o público leigo. É forçoso reconhecê-lo e é justamente do reconhecimento deste fato que toda uma obra como a de Lacan pode aspirar "retornar a Freud" e nessa releitura retomar o sentido mais genuíno de seu pensamento, resgatando, em suas próprias palavras: "*a virtude alusiva*

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

da interpretação que deve reencontrar o horizonte desabitado do ser" (Lacan,1958). Preocupação que só se justifica na intenção de evocar o movimento, a mudança, como única forma de resistir a inevitável produção de ideais analíticos.

A demanda de análise é tributária da angústia, releva do desamparo originário que o homem experimenta quanto ao objeto do seu desejo em consequência de sua dependência da linguagem. Carente de organização instintiva, tudo que para se constitui como objeto de sua busca será, necessariamente de natureza ética e não ôntica. Os ideais analíticos, pela difusão da psicanálise, oferecem referenciais estéticos, modelos identificatórios, *representações ideais* de sujeito e modos de subjetivação. Isto posto é legítimo perguntar sobre as relações entre as mudanças na cultura, inclusive aquelas produzidas pela cultura psicanalítica, e a produção da angústia, do sofrimento psíquico e do conflito identificatório. Essa questão foi apenas indicada em meu trabalho anterior (Coelho dos Santos 1990) mas, acredito que se seguimos os passos da reflexão de Freire Costa (1988a) sobre a cultura do narcisismo, que como ele a define *"é um conjunto de ítems materiais e simbólicos que maximizam real ou imaginariamente a Ananké forçando o Ego ativar paroxisticamente os automatismos de preservação face o recrudescimento da angústia de impotência."* e incluirmos entre os ítems simbólicos, a difusão da psicanálise na constituição dessa cultura, talvez possamos localizar entre os efeitos dessa cultura psicanalítica, a densificação do desamparo e daí a demanda de subjetivação pela psicanálise. Penso nas palavras de Lacan (1958) sobre *"as almas que se extravazam na ternura mais natural e que chegam a perguntar-se se satisfazem uma normalização delirante da relação genital - fardo inédito que, à maneira daqueles que o Evangelho amaldiçoou, nós (e ele quer se referir a nós psicanalistas) amarramos nos ombros dos inocentes."*

Constituir-se como sujeito da cultura psicanalítica, talvez seja alguma coisa absolutamente necessária e vital para os sujeitos de alguns grupos sociais, sem o que estariam expostos a uma das fontes do "desamparo" enunciadas por Freud (1930): *"aquele que nos ameaça a partir de nosso relacionamento com os*

outros homens". E com relação ao qual nos adverte: "O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatídicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes."

Em razão dessas e de outras reflexões admitimos plenamente o ponto de vista de Figueira (1988), quanto à difusão da psicanálise no Rio de Janeiro, ter alcançado um grau de saturação que justifica que se fale numa "cultura psicanalítica", acrescentando que desde o início dos anos 60 uma certa sucessão de versões desse saber, assumem a hegemonia entre outras tantas e confere a essa cultura um certo número de particularidades, em razão das quais seria mais apropriado falar em culturas da psicanálise.

III- O IMAGINÁRIO SOCIAL DA PSICANÁLISE

Em minha tese de doutoramento concentrei esforços principalmente numa análise comparativa entre o imaginário pré-psicanalítico e as culturas da psicanálise. As observações que se seguem inspiraram-se no confronto entre os escritos de Carmem da Silva, psicanalista, cujo trabalho se desenvolveu na revista Cláudia entre os anos 60 e 80 e a consultora Olga Mayo, que na primeira revista feminina, a revista Lady, durante os anos 50 respaldou seu trabalho de aconselhamento psicológico na grafologia, no imaginário tradicional de representações do feminino, masculino e relacionamento entre os gêneros.

É impossível não verificar os efeitos extraordinários que essa mudança no saber sobre a subjetividade e na técnica de aconselhamento, produziram no campo das "artes da existência" e das "técnicas de elaboração de si". Situar a difusão da psicanálise no domínio da psicologização do saber é esquecer-se, interessadamente, que coube aos próprios psicanalistas semelhante redução. A difusão de categorias psicanalíticas centradas na idéia de inconsciente, ao invés das categorias psicológicas centradas no eu e na consciência importaram em novas possibilidades de subjetivação na cultura. Tudo aquilo, que nos

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

habitamos a chamar de mudança social, modernização social, implica em seu cerne uma nova teoria do sujeito rendendo efeitos no campo social. Essas novas possibilidades vêm, inclusive, se ampliando em razão das versões da psicanálise difundida que, ao longo do tempo, acentuaram e radicalizaram a dimensão do inconsciente, no sentido do agenciamento mais pleno do valor da mudança em si e portanto da satisfação pulsional e do declínio ou a desidealização dos ideais coletivos, rumo ao reconhecimento da singularidade do sujeito.

Falamos portanto em "culturas", e não em "cultura" da psicanálise, porque entendemos que a análise dos artigos e colunas de aconselhamento de inspiração psicanalítica, constantes em revistas femininas é revelador de pelo menos duas culturas psicanalíticas. A primeira é orientada pelo par pulsão sexual/repressão sexual e que deu lugar a um imaginário da modernização social. Por imaginário da modernização social, entendemos um conjunto de *ideais* de gênero masculino, feminino e relacionamento sexual, fundado numa concepção igualitária dos papéis sociais. É possível, que os ideais analíticos, do amor genital, da autenticidade, e da profilaxia da dependência, aos quais Lacan (1988) se refere, tenham nessa cultura sua melhor expressão. Nesse momento da difusão psicanalítica, o inconsciente é concebido como o que é recalcado.

Esta não é, entretanto, a única cultura da psicanálise. Num segundo momento, na virada dos anos 70/80, surge uma cultura que tem como horizonte a pulsão de morte, e cuja tematização privilegiada é o narcisismo e as vicissitudes da auto-agressão, auto-destruição ou auto-desvalorização. A obsessão com o fantasma da sexualidade reprimida, característica da cultura da modernização social, deu lugar à preocupação com o sentimento de culpa e suas vicissitudes. Nessa cultura, o único ideal é a singularidade irrepetível e os obstáculos à "assunção" desse ideal, são da ordem das vicissitudes da agressividade e do sentimento inconsciente de culpa e não mais da repressão dos impulsos sexuais. A dimensão do inconsciente passou a ser percebida como incapaz de encontrar seu apaziguamento na cultura, num ideal, ou num modelo de felicidade ou de sociedade. O inconsciente revelou-se como o que não é

efeito da *Verdrangung* (recalque), porque é *Unverdrangt* (irrecalcável). Não cabe desenvolver aqui, no contexto desse trabalho e reservo essa discussão para uma outra oportunidade, a relação entre essa segunda cultura da psicanálise e o impacto tardio da segunda tópica freudiana no campo psicanalítico. Seria preciso ainda situar as relações dessa nova configuração da subjetividade com as transformações por que passa a ciência contemporânea, as relações de trabalho, o advento da sociedade da informação. Para alguns autores trata-se da sociedade pós-industrial, do capitalismo tardio, da modernização reflexiva, da exaustão da modernidade e até da pós-modernidade.

Cada uma dessas *Weltanschauungen* psicanalíticas, engendraria uma retórica psicologizante particular, porque centrada em determinadas *ideais* descortinam-se os objetos de demanda. É preciso que se considere, como fez Lacan (1958), "*que não há como fazer psicanálise sem passar pelas vias da psicologia*", o que é uma maneira de declinar qual é a relação entre o desejo e a demanda delimitando a relação consubstancial entre elas no campo da subjetividade. Não há discurso analítico que não dê lugar a nenhum modelo identificatório. O discurso lacaniano, por exemplo, ergueu-se sob a exigência de evitar a todo custo a perda do efeito de surpresa que a massificação do "Freud explica" acarreta. Com Lacan, o discurso analítico assume o risco de surpreender a verdade nascente de uma formação do inconsciente na singularidade do dito, na imprevisibilidade do ato de dizer. A singularidade do sujeito, entretanto, não é menos passível de converter-se em um novo ideal na cultura. É, entretanto, um ideal que erige a incerteza como norma de toda tentativa de estabelecer modos coletivos de organizar a família, a reprodução, o amor, a sexualidade e o cuidado com as crianças. Os novos formatos e arranjos surgem aí no contexto da impossibilidade de sustentar qualquer forma garantida de "bem viver".

Na cultura psicanalítica da modernização social, foi essencial o pesado investimento contra os modelos identificatórios de feminilidade, masculinidade, e relacionamento entre os sexos, ideais nos anos 50. A ordem familiar destes anos, com seus papéis segregados de acordo com o gênero foi reduzida no novo campo de ideais a nada menos que uma organização produtora de

neuróticos. O homem infiel, a mãe abnegada, a mulher infantil, caprichosa ou esperta são as imagens mais frequentemente associadas com o casamento de papéis segregados. O trabalho extradoméstico da mulher e uma nova moral sexual serão as expressões concretas de um ideal de autenticidade construído na obsessão de colocar o "sexo em discurso", de produzir, por meio dessa prática, a igualdade e a proporcionalidade entre os sexos e as gerações, sob o espectro da repressão. A demanda de falar, de pela fala constituir-se como sujeito de uma sexualidade autêntica, é uma produção central deste imaginário psicanalítico. Ainda uma vez evoco Lacan (1958) quando diz que essa demanda *"não é nem mesmo dele" (do paciente) sou eu (o analista) quem lhe oferece falar. Consegui em suma, o que no campo do comércio comum seria desejável realizar tão facilmente: com a oferta criei a demanda"*. A fala, no contexto do imaginário psicanalítico da modernização social é significada como *diálogo* e é frequentemente assim que se representa inclusive a relação com um analista. As expectativas de acordo e reconhecimento pelo diálogo, no campo da intersubjetividade, marcam o essencial da psicanálise difundida e não menos a produção teórico-clínica deste período. A fala é reveladora, a fala pode ser plena, verdadeira, trata-se de "bem-dizer" o desejo.

A *Weltanschauung* da singularidade do sujeito engendra uma cultura onde o lugar da fala declina. Suspeita-se do acordo, do entendimento entre os seres humanos. Procura-se a verdade noutro lugar que não no diálogo autêntico ou na expressão intersubjetiva. O sujeito, é o que se reconhece retroativamente no ato. Uma cultura do ato, onde a fala só toma seu lugar à posteriori (numa temporalidade que a situa como um "só depois") e que a desloca portanto do lugar de privilégio como fonte e revelação da verdade. Só o ato é a expressão plena do sujeito. De "no princípio era o verbo" caminhamos pra um "no princípio é o ato" ? Para isso caminha a humanidade ? Veremos.

IV- BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE TRABALHOS RECENTES QUE VERSAM SOBRE A MODERNIZAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

Encontrei, em alguns trabalhos sociológicos a correta identificação dessa cultura da modernização social. Nos trabalhos de Almeida (1987), são retratados seus aspectos "reativos" às representações tradicionais (ou como me referí, o imaginário pré-psicanalítico). Noutros trabalhos, como o de Salem (1985) e Dauster (1986), a modernização social é percebida como produtora de representações de masculino, feminino e casal, de referenciais identificatórios igualitários, que configuram uma nova moral sexual e novos padrões éticos e estéticos. Os projetos modernizadores abraçados pelos indivíduos nos anos 70 são, por essa via, enfocados no "conflito" e não na "reação" aos valores e comportamentos tradicionais. Lo Bianco (1985) identifica entre as novas representações, a positividade da sutura entre o imaginário tradicional e o imaginário da modernização social. Seu trabalho apontou claramente, alguma coisa que eu já suspeitava na leitura de Salem, o advento de um novo imaginário, o da singularidade. Este novo imaginário foi detectado também por Figueira (1987) em termos de um novo "reino da opção". Entendemos, contrariamente ao ponto de vista de Figueira, que não se trata do fim dos ideais coletivos (ideologias) pois, o advento de um "reinado da opção" é ainda um imaginário, regido pela representação ideal da diferença ou da singularidade. (Coelho dos Santos 1990)

Ainda nos anos 70, minha análise de outra publicação também registrou essa mudança. Considero-a entretanto, como uma inflexão da própria cultura psicanalítica. Em meados dos anos 70 já começa a se esboçar a desconstituição do imaginário da modernização social. Uma nova cultura psicanalítica diagnostica o mal estar narcísico nos artigos e colunas de aconselhamento da revista "Nova" mas, já não assegura que as *representações ideais* da igualdade entre os sexos e da não segregação dos papéis de gênero reunidos por Carmem da Silva, sob o signo da autenticidade, sejam poderosos o bastante, contra os sentimentos auto-destrutivos. Uma cultura psicanalítica centrada no conceito de pulsão de morte reduzida, entretanto, à "agressividade" começa a se esboçar.

Assistimos no plano dos *ideais*, a uma aparente pluralização dos referenciais identificatórios, ou para fazer uma apropriação do que diz Figueira,

um imaginário do "reino da opção". A mulher liberada, referencial identificatório assíduo nas páginas dessa revista é, fundamentalmente, uma mulher que não tem compromissos com os ideais da modernidade e em certa medida pode expressar sua "liberação" pela via de papéis sociais antes, nos anos 60/70, identificados como repressivos, neurotizantes ou masoquistas. Ela já não teme a opressão, na relação entre os sexos, nem a repressão sexual, mas vive às voltas com a indecisão, a insegurança, a auto-censura, a auto-agressão e de acordo com os consultores especializados é vítima do "sentimento inconsciente de culpa".

Essas mudanças penso eu, foram registradas em pesquisas sociológicas por vários autores e deram margem a diferentes tentativas de interpretação. Entre essas pesquisas, as de Salem (1985) sobre casais grávidos, constataram através de entrevistas o malôgro dos projetos de modernização. E nos pareceu que suas entrevistas poderiam sugerir outras leituras, especialmente tendo em conta aquilo que a análise do material de revistas femininas indicava. Uma primeira questão problemática é a decepção com os projetos de mudança expressada por alguns entrevistados. Se observada de um outro ponto de vista, parecia relacionar-se menos com o malôgro do projeto de mudança em si, pois este projeto em muitos dos casos foi concretizado. Pareceu que se tratava de algo da ordem da experiência de satisfação que essa concretização trouxe, muito menor do que a satisfação esperada. Assim, sujeitos que nos anos 70 projetaram tornar-se modernos de acordo com o imaginário da cultura psicanalítica da modernização social, mostraram-se insatisfeitos com a satisfação obtida e não necessariamente com a materialidade da mudança realizada. A pergunta que me ficou da leitura dessas entrevistas foi algo como: trata-se somente de decepção, ou o relato desta decepção, deste malôgro do projeto modernizante dos casais igualitários já está referido à uma mudança na ordem dos ideais. Estas, na aurora dos anos 80 já teriam migrado do mito igualitário para o ideal da singularidade e da diferença, razão pela qual, o projeto igualitário dos anos 70 já é percebido como insatisfatório ou não-ideal. O novo ideal, como bem caracteriza Figueira, aconselha suturar aspectos do imaginário

moderno com o tradicional de acordo com um critério de seleção particular, singular, original, diferente para cada indivíduo.

Este novo ideário não foi percebido pelos entrevistadores. A crítica aos projetos de modernização dos papéis de gênero foi entendida como a indicação do malôgro, do irrealismo das pretensões pois tais projetos não teriam passado de "ilusões". A "realidade de fato" da inércia das construções tradicionais da diferença de gêneros e da organização familiar, teria se insinuado entre os projetos modernizadores evidenciando-se como uma "revisão" ou retorno as representações tradicionais.

A dissociação no ponto de vista do entrevistador entre a "realidade de fato" (algumas vezes percebida como os papéis tradicionais associados com o gênero) e a ideologia chamou minha atenção num sentido muito preciso, de vez que, do meu ponto de vista, o fato de que o sujeito esteja capturado pelo imaginário da modernização social constitui um fato dotado de positividade - no sentido de sua inserção num certo imaginário - independentemente, de quanto as práticas concretas pelas quais o sujeito realiza essa relação a um ideal lhe pareçam satisfatórias ou não. As chamadas "revisões" dos projetos modernizantes, se consideramos a inserção do sujeito num certo imaginário e suas decepções face a "satisfação esperada", parecem ser regidas por um novo ideal, a da singularidade. As revisões dos projetos modernizadores, sob essa nova ótica, seria melhor dizer sob essa nova ética ou estética, articulam-se a um novo imaginário regido pela noção de diferença ou de singularidade.

O artigo sobre "A psicologização do feto" de Lo Bianco, postula que essa representação da infância cumpria um papel suturador entre as representações tradicionais do papel social da mulher e aquelas trazidas pela modernização social. Essa observação reforçou meu próprio ponto de vista, qual seja, que a distinção proposta por Figueira entre modernização reativa e modernização verdadeira podia ser percebida como ordenada entre duas concepções de sujeito, uma referida aos anos 60/70, ou o sujeito da modernização social e outra referida ao sujeito da cultura do narcisismo, cujo ideal de si é a sua própria singularidade irrepitível, sua diferença. As revisões de que fala Salem, eu diria,

que eram verdadeiras redefinições, no sentido apresentado por Lo Bianco, de produção de representações harmonizadoras de conteúdos dos universos de representações tradicionais e modernas. Ao que acrescento, que essas representações harmonizadoras são orquestradas pelo psicologismo ou *Weltanschauung* psicanalítica da diferença ou da singularidade. Nesse sentido, a cultura psicanalítica centrada na diferença não é "retorno" ao universo de representações arcaico. Ao contrário, como atestam vários depoimentos, a inclusão de algumas representações tradicionais, na pauta dos valores cotidianos de sujeitos cujo projeto era uma "revisão" do moderno, articulava-se em torno de uma nova representação ideal, a do sujeito singular.

Essa leitura das mudanças no campo das representações ideais desse período, diverge da de Figueira, na medida em que não diríamos que se trata de verdadeira ou falsa modernização e muito menos de que o sujeito da "revisão do projeto" é um sujeito do "reinado da opção", se esta expressão indica, como sugere o autor, um imaginário sem uma "representação ideal dominante" e sim, que é um sujeito da subjetividade singular, única, irrepetível, o sujeito da cultura psicanalítica do narcisismo.

V- A POSITIVIDADE DA IDEOLOGIA NO CAMPO DA SUBJETIVIDADE

A questão aqui é a da positividade da ideologia, de sua ação concreta sobre o sujeito e retomando o Foucault (1984b) da "arqueologia do sujeito" penso ter encontrado os fundamentos para a captação da "cultura psicanalítica", suas *Weltanschauungen*, suas versões e suas representações ideais, mas também suas práticas, como um campo cultural capaz de prover referenciais identificatórios e modos de subjetivação que são diferentes, na exata medida em que as representações meta são outras.

Certamente todo o percurso de Foucault, desde a História da Sexualidade I (1977) foi reinventado nessa releitura, onde sugerimos algumas aproximações com a trajetória dos conceitos freudianos. Trata-se aqui, antes de uma mitologia e como tal não deixa de ser uma "leitura fantástica" do percurso de Foucault.

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

Pois aquilo que Foucault nos legou como uma "analítica do poder" e que fundamenta sua teoria de que ideologias não são "ilusões" pois tem a positividade de constituir domínios de conhecimento e de prazer, bem como os sujeitos desses novos domínios, esse conceito tem a mesma abrangência que a pulsão na rede dos conceitos freudianos. Se esse conceito permite a Freud multiplicar os domínios do que é sexual, a representação de poder concebida por Foucault quer multiplicar a localização do político, ultrapassando a associação com o Estado e seus aparelhos ideológicos. O corpo social, por analogia ao corpo erógeno de cujas fonte a pulsão extrai suas forças é constituído e atravessado por correlações de forças que testemunham a pervasividade do poder e sua erogeneidade política .

Dizer que o poder não se reduz à interdição da lei, que o poder não é uma instância transcendente que obriga cada um a renunciar a uma parcela de seus direitos naturais, mas é uma resultante pontual e permanentemente móvel das correlações de forças entre indivíduos ou grupos é afastar-se de uma captação freudo-marxista do pensamento freudiano, tal como a de Reich, na medida em que seu Freud é aquele de "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", e retomar o Freud para quem o recalque tem como efeito a sexualização de novos domínios. Penso que essa articulação com o pensamento freudiano pela oposição entre pulsão sexual e pulsões de auto-conservação inspira as teses de Foucault nesse período. Construí esse ponto de vista, sobre a convicção de que sua pretendida arqueologia da psicanálise tinha como alvo a cultura psicanalítica da modernização social e suas oposições, quase puerís, entre indivíduo e sociedade, sexualidade e repressão.

Os volumes II (1984a) e III (1984b) dessa história da sexualidade refletem uma nítida mudança de ponto de vista do seu autor. Não são a continuação de uma arqueologia da psicanálise, penso eu. São a pesquisa de uma arqueologia do sujeito, que pudesse localizar a constituição histórica do sujeito do desejo, digo do desejo e não da sexualidade, de vez, que essa última guarda relações com o dispositivo médico-psiquiátrico, enquanto que o "homem do desejo" associa-se aos destinos do gozo na experiência cristã da carne. Nessa

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

arqueologia a experiência de prazer, e as experiências sexuais teriam sido desde a antiguidade greco-latina a matéria prima de toda elaboração ética e estética da subjetividade. Mais além do código jurídico que delimita o permitido e o proibido, o homem fixou para si mesmo um certo conjunto de ideais e submeteu-se a uma ordem de privações voluntárias para alcançar o domínio de si, que é de ordem ética e para subjetivar-se de acordo com certos ideais estéticos.

O poder não é aqui o que constitui o sexual e sim o que constitui o sujeito ou diferentes sujeitos, sejam eles "sujeitos de seus atos" ou "sujeitos de desejo". O poder produz seus efeitos segundo saberes e práticas diversos que fazem o modo de subjetivação. Foucault já demonstrara que o sexo não é o outro poder e sim um dos seus efeitos. Mostrou que era falso representar os efeitos do poder sobre o sexo como negativos evidenciando a positividade dos efeitos do dispositivo da sexualidade. Agora, ele nos mostra que o poder não vem de fora. Ele não constrange um sujeito que não o deseja. É o sujeito quem se priva de algo da ordem de gozo para constituir-se como sujeito. ? A questão para Foucault é responder porque o homem se priva de uma satisfação - ou porque ele se impõe uma experiência desprazerosa quando não há nada na ordem do código jurídico que o obrigue a isso ?

A resposta de Foucault a essa questão se limita alguma coisa como: "para se fazer sujeito". Quando Freud (1920) observava seu neto jogar um carretel, murmurando algo como "fort", sua estranheza quando ao significado do brinquedo certamente não era ingênua. Os limites da clínica psicanalítica - a inacessibilidade narcísica de alguns pacientes, a neurose traumática, a neurose destino, a compulsão à repetição do desprazeroso - indicavam um certo número de direções de análise envolvendo a hipótese de uma pulsão de morte. O que não o impediu de perguntar se o menino não ensaiava por meio desse gesto, praticar ativamente a deserção à qual era submetido passivamente pela mãe quando saía diariamente para o trabalho. O gesto de lançar longe o "carretel-mãe" seria assim o correlato do investimento narcísico, pelo qual o menino se fazia sujeito do seu desamparo. O investimento sexual do eu é correlato de um

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

gesto masoquista pelo qual o sujeito se priva do objeto primordial. O traço de um "além do princípio do prazer" é esse gesto masoquista, essa repetição da experiência desagradável, manifestação do sentimento primordial fundador da cultura que é o inconsciente de culpa ? Dito de outro modo, é a repetição ritual do "assassinato do objeto" que constitui o sujeito. O ingresso na ordem simbólica, o ato simbólico nada tem a ver com a lógica da vida, é contra a vida. Esse é o sentido do paradoxo do funcionamento da pulsão na experiência analítica ela contraria o princípio do prazer, do bem estar, do prazer útil e seguro. O objeto dessa busca está mais além do princípio do prazer. Foi essa descoberta que conduziu Freud a redimensionar o conceito de inconsciente depois dos anos 20.

Totem e Tabú (Freud,1912) parece de um certo ponto de vista contemporâneo do "Além do princípio do prazer". O parricídio originário coloca o sujeito e a cultura numa certa relação que vai do crime coletivo, ao sentimento de culpa e à idealização. O crime parricida é fundador da ordem simbólica e se repete ritualmente nas cerimônias religiosas onde as formas imaginárias do pai são reassassinadas para dar lugar a sua metabolização como símbolo. O pai real, imaginário e simbólico nos são apresentados nesse mito numa relação cuja dialética é o mistério da sacrifício antropofágico. As fontes da compulsão à repetição ou se quisermos da pulsão de morte situam-se no plano desse acontecimento mítico, o assassinato do pai da horda. Seu estatuto filogenético evoca um lugar de transcendência com relação à história ontogenética. Entretanto, como indica Assoum (1989) na sua leitura dos fundamentos metapsicológicos do laço social na obra freudiana, o ideal "se pratica". O pacto social como nos indica Birman (1989) não é jurídico e sim político é pacto com o outro, o irmão, pela ligação ao Outro, o pai morto ou pai simbólico. Não se trata portanto, no caso do parricídio da passagem de uma ordem de natureza a uma ordem cultural e sim de uma ficção destinada a fundar o Estado enquanto suporte político de uma igualdade ideal entre os homens. A querela dos ideais alcança um lugar de importância quando se trata de considerar a questão da *Weltanschauungen* psicanalítica.

VI- O CONFLITO DE VERSÕES NO CAMPO PSICANALÓTICO

Esta questão se coloca desde o ponto de vista, de que essa teoria do sujeito e suas práticas podem funcionar como uma religião de um grupo, que é preciso definir no sentido largo de sujeito da cultura psicanalítica. O ideal de acordo com Assoum é o objeto do grupo e esse ideal se pratica, o que significa que se submete aos rituais sacrificatórios de morte e idealização. Esse é o sentido que atribuímos ao fato de que essa cultura psicanalítica não é estática pois produz imaginários diferentes que equivalem a exaltação de certos ideais analíticos ou determinadas *Weltanschauungen* que são subsequentemente assassinados, devorados, reinventados produzindo no seu movimento novos pactos narcísicos e novos sujeitos dessa cultura.

A questão dos ideais analíticos dos anos 70 não é como se pode depreender do discurso lacaniano a esse respeito um problema cativo da difusão da psicanálise no público leigo, pois sua análise vem situá-la no centro dos processos de transmissão ou de formação do psicanalista. A reificação da teoria, sua utilização no interior do dispositivo analítico como um sistema de crenças ou como um discurso universitário faculta ao analisando a identificação ao analista como sujeito do saber. Prescindindo do manejo da transferência, o analista impulsiona a identificação do analisando com o ego do analista. Prática que aprisiona e reifica o sentido na palavra do analista reduzindo a verdade do desejo à verdade científica do código interpretativo ou então à verdade da história rememorada pelo sujeito.

Do final dos anos 70 aos anos 80, o campo psicanalítico no Rio de Janeiro, passa por transformações sensíveis nas definições de sua prática, dos modos de transmissão, da direção da cura, do lugar da interpretação, da função do analista, entre alguns dos paradigmas que nos ocorreu relacionar. Um outro aspecto marcante, curioso, desse campo, foi observado por Figueiredo <1984>. Trata-se dos analisados que acreditavam dever se reanalisar segundo os novos códigos que vieram a reger a cultura psicanalítica. O início da difusão lacaniana

tem muito a ver com esse fenômeno. Nessa cultura, a singularidade será o contraponto constante com os analistas cujo ideal de cura é a identificação do paciente com o ego do analista, que utilizam a teoria como um código explicativo, que manejam a teoria como um sistema de crenças, do tipo modernizantes, analistas que adaptam o indivíduo à sociedade. Certamente, todas essas críticas não inocentarão aqueles que abraçaram a psicanálise através do ideal da modernização social. A reação a essa versão do campo analítico foi engendrada a partir da difusão da psicanálise lacaniana e foi paradigmaticamente condensada na fórmula: "isso não é psicanálise". Fórmula endereçada que não nos engana com respeito aos seus verdadeiros destinatários.

BIBLIOGRAFIA

ASSOUM, P.-L.(1989) "El Sujeto del Ideal" in: ASPECTOS DEL MALESTAR EN LA CULTURA, ediciones Manancial, Argentina

AULAGNIER, P.C.(1989) "Sociedades de Psicanálise e Psicanalistas de Sociedade" in Birman, J. FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume-Dumará, R.J.

BIRMAN, J., NICÉIAS, C.A.(1983) "Apresentação" in: Birman, J. e Nicéias, C.A.- PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA, Ed. Campus, R.J.

BIRMAN, J.(1988a) "Sujeito, Estrutura e Arcaico na Metapsicologia Freudiana" in: Birman, J. PERCUSOS NA HISTÓRIA DA PSICANÔLISE, Taurus, R.J.

----- (1988b) "Alquimia no Sexual" in, Birman, J. e Nicéias, C.A. - A ORDEM DO SEXUAL, Ed. Campus, R.J.

----- (1988c) "A Razão da Impostura" in, Birman, J. e Nicéias, C.A.- O OBJETO NA TEORIA E NA PRÁTICA PSICANALÍTICA, Ed. Campus, R.J.

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

------(1988d) "Finitude e Interminabilidade do Processo Analítico" in: Birman, J. e Nicéias, C.A. - UMA LEITURA DA ANÁLISE COM OU SEM FIM, Ed. Campus, R.J.

------(1989e) FREUD E A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA, Timbre-Taurus Eds, R.J.

------(1989f) "Sobre a Paixão: comentários sobre o discurso freudiano" in: PSICANÁLISE E PSICOLOGIA, Ed. UFRJ

------(1989g) "A palavra Entre Atos" in: FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará, R.J.

------(1989h) Entre o Simbólico e o Imaginário, (exemplar xerografado)

COELHO DOS SANTOS, T. E RUSSO, J. (1981) "Psicanálise e Casamento, in FAMÍLIA, PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus, Rio

------(1982) A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NA FAMÍLIA: um estudos dos efeitos sobre a mulher, tese de mestrado, PUC RJ

------(1986) "De D. Letícia à Carmem da Silva: as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher, in UMA NOVA FAMÍLIA ?, Jorege Zahar Ed. Rio

------(1988) "A mulher liberada e a difusão da psicanálise", in EFEITO PSI, Ed. Campus, Rio

------(1989) "Representações do masculino nas revistas femininas e suas relações com a psicanálise difundida", in FREUD, 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará Eds. Rio

------(1990a) Subjetividade e Difusão da psicanálise: uma discussão da Cultura psicanalítica, tese de doutorado, Puc-Rj.

FIGUEIRA, S.A. (1978) "Notas Introdutórias ao Estudo das Terapêuticas I: Lévi-Strauss e Peter Berger", in: Figueira, S.A. (coord.) SOCIEDADE E DOENÇA MENTAL, Ed. Campus, R.J.

----- (1980) 'A representação social da psicanálise', in PSICANÁLISE E CIÊNCIAS SOCIAIS, Francisco Alves Eds., Rio

----- (1981), O CONTEXTO SOCIAL DA PSICANÁLISE, Francisco Alves eds., R.J.

----- (

----- (1981b) "Psicanálise e Antropologia: Uma visão do mundo brasileiro", Jornal do Brasil, 20/12/81

----- (1985a) "Modernização da família e desorientação: Uma das raízes do psicologismo no Brasil, in CULTURA DA PSICANÁLISE, São Paulo, Brasiliense

----- (1985b) "No reino da opção", Jornal do Brasil, 14/7/85

----- (1987) "O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social, in UMA NOVA FAMÍLIA ? Jorge Zahar, Ed. Rio

----- (1988) "Psicanalistas e Pacientes na cultura psicanalítica", in EFEITO PSI, Ed. Campus, Rio

FIGUEIREDO, A.C. (1984), ESTRATÉGIAS DE DIFUSÃO DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO NO RIO DE JANEIRO -1970/1983, Dissertação de Mestrado, PUC-R.J.

FOUCAULT, M. (1977a), VIGIAR E PUNIR, Petrópolis, Ed. Vozes.

----- (1977b), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I- A Vontade de Saber, Ed. Graal, R.J.

- (1978), A VERDADE E AS FORMAS JURÍDICAS, Cadernos da PUC, R.J.
- (1979), MICROFÍSICA DO PODER, Ed. Graal, R.J.
- (1984a), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE II - O Uso dos Prazeres, Ed.Graal, R.J.
- (1984b), HISTÓRIA DA SEXUALIDADE III - O Cuidado do Si, Ed. Graal, R.J.
- FREIRE COSTA,J.(1984) "Sobre a Geração AI 5: violência e narcisismo", in: VIOLÊNCIA E PSICANÁLISE, Ed. Graal, R.J.
- (1988a)"Narcisismo em Tempos Sombrios", in: Birman, J. PERCURSOS NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE, Taurus, R.J.
- (1988b)"A Cultura da Razão Cínica", Caderno de Idéias, Jornal do Brasil, 21 de maio.
- FREUD,S(1908) "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" vol.IX
- (1910) "Psicanálise silvestre" vol. XI, ESB
- (1913, 1912-13)"Totem e Tabú" , vol XIII, ESB.
- (1914) "Sobre o narcisismo: uma introdução" vol.XIV, ESB.
- (1920) "Além do princípio do prazer", vol XVIII, ESB.
- (1921)"Psicologia de Massas e Análise do Ego", vol XVIII, ESB.
- (1925)"Inibição, Sintoma e Angústia", vol XX, ESB.
- (1926) "A Questão da Análise Leiga", vol XX, ESB
- (1927) "O Futuro de uma Ilusão", vol XXI, ESB

------(1930-1929) "O Mal-estar na Civilização", vol. XXI, ESB

------(1933) "A Questão de uma *Weltanschauung*", vol. XXII, ESB

LACAN,j.(1988), A ÉTICA DA PSICANÁLISE, Zahar Eds. R.J.

------(1958,)"La direction de la cure et les principes de son pouvoir" in Ecrits,
Editions du Seuil, Paris

LASCH, C (1970), THE CULTURE OF NARCISSISM, N.Y., Warner Books
Edition

------(1986), O MÍNIMO EU: A sobrevivência psíquica em tempos difíceis, Ed.
Brasiliense,S.P.

LO BIANCO,A.C.(1981) "Concepções de Família em Atendimentos Psicológicos
Fora do Consultório: Um Estudo de Caso", in: Figueira, S.A. e Velho, G.
(ORGS), FAMÖLIA PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus, R.J.

------(1985) "A Psicologização do Feto", in: Figueira, S.A. (org.) CULTURA
DA PSICANÁLISE, S.P. Brasiliense

------(1989) "Questões Para a Teoria Psicanalítica na Sociedade
Brasileira" in: Birman, J. FREUD 50 ANOS DEPOIS, Relume Dumará, R.J.

MACHADO, R. (1979) "Por uma Genealogia do Poder", in: Foucault, M.,
MICROFÍSICA DO PODER, Ed. Graal, R.J.

------(1982) CIÊNCIA E SABER, Ed. Graal, R.J.

MEZAN,R.(1988)"Psicanálise e Psicoterapia" in: A VINGANÇA DA ESFINGE,
Ed. Brasiliense.

-----"Rumo à Epistemologia da Psicanálise" in: VINGANÇA DA ESFINGE,
Ed. Brasiliense

-----"Pode-se Ensinar Psicanaliticamente a Psicanálise ?" in: A VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense

-----" Uma Arqueologia Inacabada: Foucault e a Psicanálise" in: A VINGANÇA DA ESFINGE, Ed. Brasiliense

NICOLACI DA COSTA,(1985) A.M. "Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos", in, CULTURA DA PSICANÁLISE, Brasiliense, São Paulo

MENDES DE ALMEIDA,M.I.(1986) "A nova maternidade: uma ilustração das ambiguidades do processo de modernização da família, in UMA NOVA FAMÍLIA ?, Jorge Zahar Eds. Rio

SALEM, T.(1985), "A trajetória do casal grávido: de sua constituição à revisão de seu projeto", in CULTURA DA PSICANÁLISE, Brasiliense, São Paulo

ROUDINESCO, E. HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA FRANÇA, vols I e II, Jorge Zahar Ed., R.J.

ROUSTANG,f.(...) La Psychanalyse Peut-elle S'Exporter ?" in: Psychanalystes, Revue du Collège de Psychanalystes, no. II, Paris

RUSSO,J.A. (1982) OS EFEITOS TERAPÊUTICOS DA PSICANÁLISE: Uma discussão, Dissertação de Mestrado, PUC-R.J.

----- (1987) "Difusão da Psicanálise nos anos 70: indicação para uma análise" in: Família e Valores, S.P. Loyola.

----- (1987b) "Individualismo à Brasileira" (exemplar xerografado)

----- (1988) "O lacanismo e o campo psicanalítico do Rio de Janeiro (exemplar xerografado)

----- (1989) "O corpo contra a palavra": Algumas reflexões sobre a evolução do movimento 'psi' brasileiro" (exemplar xerografado)

Erro!
Indica
dor
não
defini
do.

TURKLE,S. (1978) PSYCHANALITICS POLITICS - FREUD'S FRENCH
REVOLUTION, London, Burnett Books Limited.

USSEL,J.v. (1980), REPRESSÃO SEXUAL, Ed. Campus, R.J.

VELHO, G.(1980)"Projeto, Emoção e Orientação em sociedades complexas,in
PSICANÁLISE E CIÊNCIAS SOCIAIS, Francisco Alves Eds., Rio

------(1981) INDIVÍDUO E CULTURA: notas para uma antropologia da
sociedade contemporânea, Zahar Eds. Rio.

------(1981)"Parentesco, Individualismo e acusações", in,FAMÓLIA,
PSICOLOGIA E SOCIEDADE, Ed. Campus , Rio

------(1985)"A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos
em camadas médias urbanas", in CULTURA DA PSICANÁLISE, São Paulo,
Brasiliense Ed.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**